

PARA A COMPREENSÃO DE UMA HISTÓRIA DAS “ESTRUTURAS DO COTIDIANO”: FONTES PARA O ESTUDO DE CULTURA MATERIAL

Natânia Silva Ferreira¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é o de apresentar uma discussão sobre as fontes que podem ser utilizadas para a compreensão da temática de cultura material. Para cumprimento do objetivo, serão descritas e analisadas fontes materiais e fontes textuais: acervos de objetos de museus; inventários post-mortem; recortes de jornais e de revistas; almanaques; livros de memórias. As fontes que servirão para a constituição deste trabalho são pertencentes a cidade de Varginha – localizada no Sul de Minas Gerais – e pertencentes a Belo Horizonte – capital do Estado. O contexto das fontes é o da passagem do século XIX para o século XX. Os inventários post-mortem são do município de Varginha e envolvem o período de 1882 (emancipação do município) até 1920. As demais fontes são de Belo Horizonte e englobam o período de 1897 (inauguração da capital) até 1930. É possível afirmar que as fontes citadas servem de suporte para o estudo de uma história das “estruturas do cotidiano”, ou seja, servem para a investigação da realidade de uma cidade, uma região ou um povo, com destaque para a cultura material.

Palavras-chave: Cotidiano; Cultura Material; Fontes Históricas; Varginha; Belo Horizonte.

¹ Graduada em Ciências Econômicas com ênfase em Controladoria pelo ICSA-UNIFAL/MG. Mestre em História Econômica pela FFLCH-USP. Doutoranda do programa de Desenvolvimento Econômico do IE-UNICAMP. Professora da Faculdade Zona Leste. E-mail: natania.silvaferreira@yahoo.com.br.

1. Introdução

Um significado para a expressão cultura material pode ser descrito da seguinte forma: “A cultura material, reforçada pela tradição que nomeia assim a busca interpretativa dos bens materiais das sociedades, objetiva, em verdade, compreender os elementos materiais da cultura ou a dimensão palpável de uma realidade vivida”².

Na perspectiva da História Econômica, diferentes autores trataram de cultura material, relatando especificidades de regiões e populações. É possível citar Braudel, com a sua *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV-XVIII)*, obra dividida em três volumes, sendo que o primeiro volume foi dedicado às estruturas do cotidiano (ou à civilização material) (BRAUDEL, 1997, vol. 1). A respeito da vida material, escreveu Braudel que remete a “homens e coisas, coisas e homens. Estudar as coisas – os alimentos, as habitações, o vestuário, o luxo, os utensílios, os instrumentos monetários, a definição de aldeia ou cidade –, em suma, tudo aquilo de que o homem se serve”³.

Daniel Roche também é um nome relevante dentro da História Econômica para a compreensão de cultura material. A obra do autor, *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*, especialmente na segunda parte do livro, destacou o que foi denominado por seu escritor de “a vida comum”, envolvendo tópicos como as casas rurais e urbanas, os móveis e objetos, o vestuário e a aparência, o pão, o vinho e o paladar⁴.

A respeito de fontes para a compreensão de cultura material, nas palavras de Menezes:

os estudos de cultura material não se caracterizam nem pelo uso determinante de fontes materiais, nem como preocupação exclusiva com artefatos (...) mas pela análise da dimensão material de qualquer instância ou tempo da vida social. É por isso que tais estudos, longe de constituírem um domínio próprio, autônomo, podem estar presentes nos diversos campos da História. Daí a insuficiência de se trabalhar apenas ou preponderantemente com documentação material⁵.

2 MENESES, José Newton Coelho; BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. “Introdução – O testemunho das coisas úteis e duráveis”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série, vol. 26, p. 1-4, 2018, p. 02.

3 BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo (séculos XV-XVIII) – Vol. 1: As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível*. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 19.

4 ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

5 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Apresentação”. In: MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. *Riqueza e escravidão: vida material e população no século XIX, Bonfim de Paraopeba/MG*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007, p. 14.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é o de apresentar uma discussão sobre as fontes históricas que podem ser utilizadas para a compreensão da temática de cultura material. Para cumprimento do objetivo proposto, serão descritas e analisadas fontes materiais e fontes textuais, sendo elas: acervos de objetos de museus; inventários *post-mortem*; recortes de jornais e de revistas; almanaques; livros de memórias.

As fontes que servirão para a constituição deste trabalho são pertencentes a cidade de Varginha – localizada no Sul de Minas Gerais – e pertencentes a Belo Horizonte – capital do Estado. O contexto das fontes é o da passagem do século XIX para o século XX. Os inventários *post-mortem* são do município de Varginha e envolvem o período de 1882 (emancipação de Varginha como município) até 1920. As demais fontes são de Belo Horizonte e englobam o período de 1897 (inauguração da capital) até 1930.

O presente texto será dividido em quatro partes, além desta introdução: como as fontes utilizadas são referentes às cidades de Varginha e de Belo Horizonte, a seção dois abordará brevemente o nascimento destas duas cidades; a seção três ressaltará fontes materiais que servem para a compreensão de cultura material: objetos de museus; a seção quatro servirá para o entendimento das fontes textuais que podem ser utilizadas para o entendimento da temática: inventários *post-mortem*, recortes de jornais e de revistas, almanaques e livros de memórias. A seção cinco conta com as considerações finais.

2. O interior e a capital: varginha e belo horizonte na passagem para o século xx

Foi no ano de 1882 que o município de Varginha se emancipou do vizinho, Três Pontas, conforme consta na ata de instalação do município:

Aos dezecete dias do mez de dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois, reunido no Paço da Camara Municipal desta Villa, a hora que pelo Senhor Presidente da municipalidade da cidade de Três Pontas Azarias Ferreira de Mesquita foi marcada para a instalação e posse desta Villa os Senhores Vereadores José Maximiano Baptista, Domingos Teixeira de Carvalho, João Alves de Govêa, Franscisco de Paula e Silva, Matheus Tavares da Silva e Joaquim Antonio da Silva foi pelo dito Presidente deferido juramento na forma da Lei, aos Vereadores acima referidos, e tendo sido feita a leitura do aucto da instalação e posse desta Villa, pelo Secretário da Camara Municipal da cidade de Três-Pontas na forma da lei, e assignado pelo Presidente da Comarca Municipal da mesma Cidade, e Vereadores desta Camara, e cidadãos presentes⁶.

6 ACMV (Ata da Câmara Municipal de Varginha), 1882, fl. 01.

Naquele ano de 1882, a capital do Estado se encontrava ainda em Ouro Preto, capital mineira desde o século XVIII, mas não mais por muito tempo. As discussões sobre a transferência da capital mineira estiveram presentes em debates políticos de décadas antes da instauração do regime republicano, mas com foi a inauguração da Primeira República que as discussões tomaram nova forma e a capital mineira foi transferida, da Ouro Preto colonial para a moderna Cidade de Minas, nome que a capital recebeu em 1897, ano da inauguração⁷.

Uma diferença relevante entre as cidades de Varginha e Belo Horizonte está nas atividades econômicas e estrutura de riqueza. Varginha, uma cidade do Sul de Minas Gerais, contava com uma economia agrária: as extensões de terras virgens e terras de cultura, a economia do café, os grandes investimentos nos bens imóveis rurais, os proprietários de terras, marcaram a economia da cidade nos anos iniciais de sua formação. Outras atividades econômicas, como a do comércio, dos serviços e as atividades fabris possuíam um caráter secundário em Varginha da passagem para o século XX⁸.

Belo Horizonte, por outro lado, foi uma cidade planejada para representar a modernidade que se buscava no final do século XIX; seu processo de construção remete a influências nacionais e internacionais. No cenário nacional, capitais brasileiras passavam por transformações urbanas, que tiveram como modelo as reformas urbanas internacionais, como as parisienses de meados do século XIX⁹. Além disso, internamente, um novo regime político passava a vigorar: foi instalada a Primeira República. Internacionalmente, a segunda Revolução foi o acontecimento que possibilitou que nas mais diferentes localidades, populações sentissem seus efeitos; no caso de países subdesenvolvidos, como o Brasil, a Revolução possibilitou que estratos sociais diversificassem seus padrões de consumo¹⁰. Diante daquele cenário, a Ouro Preto colonial não era a melhor cidade para representar a capital mineira.

7 Sobre as tentativas de mudança da capital de Minas Gerais, cf., dentre outros: BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – Vol. 1: História Antiga*. 2 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996, p. 279- 289; VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. “A capital controversa”. *Revista do Arquivo Público Mineiro (dossiê Belo Horizonte 100 anos depois)*, ano XLIII, n. 2, p. 28-43, jul./dez. 2007; JULIÃO, Letícia. “Sensibilidades e representações urbanas na transferência da Capital de Minas Gerais”. *História (São Paulo)* v. 30, n.1, p.114-147, jan/jun 2011, ISSN 1980-4369.

8 Sobre a economia da cidade de Varginha, cf.: FERREIRA, Natânia Silva. *Elite Agrária e processo de Urbanização: o município de Varginha-MG (1882-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017; SALES, José Roberto. *Espírito Santo da Varginha (MG) – 1763-1920*. Varginha: Gráfica Editora Sul Mineira, 2003.

9 MARINS, Paulo César Garcez. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3, República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 134.

10 SEVCENKO, Nicolau. “Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Belo Horizonte foi uma cidade planejada, construída em cerca de três anos, de forma que o peso do espaço urbano fosse maior que o peso do espaço rural, ou seja, uma cidade criada para ser urbana. Belo Horizonte foi, no início de sua formação, uma cidade de comerciantes e consumidores. O comércio pode ser considerada a principal atividade econômica da capital mineira, especialmente até por volta de 1930¹¹.

As fontes principais utilizadas neste trabalho são das duas cidades descritas acima, uma delas, de economia agrária, emancipada em 1882. E a outra, cujas atividades urbanas e comerciais eram as principais, inaugurada em 1897, deveria representar todo o Estado mineiro. Descrever e analisar detalhadamente os elementos de cultura material destas duas cidades – localidades que contaram com especificidades não apenas do ponto de vista material – é trabalho para um outro texto. No presente artigo, o destaque vai para as possibilidades que as fontes podem nos oferecer para análises de cultura material.

3. Fontes materiais para a compreensão de cultura material: os artefatos de museus

Conjuntos de artefatos de museus retratam parte do cotidiano de uma localidade. Considerando Belo Horizonte da passagem para o século XX, é preciso, entretanto, atenção para algumas condições desse grupo de fontes: uma questão a pensar é que muitos daqueles objetos não foram fabricados na cidade, e isso mostra a importância da importação na época¹²; o acervo de objetos também incita a pensar que, no período de formação de Belo Horizonte, suas técnicas industriais estavam em processo de consolidação. Ainda, de forma geral, bens móveis de museus representam, em primeiro lugar, o cotidiano de camadas sociais específicas, não retratando o todo da sociedade. Ainda assim, conjuntos de objetos são fontes relevantes para o tema¹³.

Pela sua própria materialidade, os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reinserções que alteram sua biografia e fazem deles uma rica

11 Sobre comércio em Belo Horizonte, cf.: FJP (Fundação João Pinheiro). *Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história*. Fundação João Pinheiro. Centro de estudos históricos e culturais. Belo Horizonte, 1997.

12 Todavia, não serem produzidos na cidade não significa que não circularam por lá e que não estiveram presentes no interior das famílias e foram posse de moradores de Belo Horizonte.

13 Sobre estudos de cultura material que partiram de fontes arqueológicas (artefatos diversos), cf.: LIMA, Tania Andrade. “Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 3, p. 129-191, jul./dez., 1995; SOUZA, Rafael de Abreu e. “Tigela, café e xícara: diversidade formal e dinâmicas de consumo na produção das louças brancas da cidade de São Paulo no começo do século XX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 20, n. 2, p. 11-51, jul./dez., 2012; BORREGO, Maria Aparecida de Meneses. “Das caixas da casa colonial às arcas do Museu Paulista”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 25, n. 1, p. 199-225, jan./abril, 2017.

fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade (transformações nos modos de relacionamento com o universo físico; mudanças nos sistemas de valores etc.)¹⁴.

A análise dos diversos objetos que circularam por uma localidade permite dizer a respeito do cotidiano local: objetos refletem hábitos de vida, retratam parte dos costumes, remetem ao consumo, permitem a compreensão de uma sociedade para além de sua materialidade. Nas palavras de Marcelo Rede:

Talvez seja justamente na área de estudos da cultura material que se verifiquem os maiores impulsos a reconhecer nos objetos qualidades imanentes, que eles, efetivamente, não podem ter. Estamos face ao que se tem chamado, genericamente, de fetichismo. Sua característica é a transferência aos objetos (que, por definição, possuem apenas propriedades físico-químicas) de qualidades do universo orgânico (quer biológico, quer social)¹⁵.

A transferência à qual o autor se referiu acima, vale ressaltar, “não se dá autonomamente, do mundo físico para o mundo físico, mas por intermediação cultural (é aí que se estabelecem, entre outras coisas, as tradições)”¹⁶.

O Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), localizado em Belo Horizonte, possui um vasto acervo de objetos, que pertenceram às diversas personagens que viveram ou passaram pela capital. Os objetos encontrados no museu vão desde os referentes ao século XVIII, época em que Belo Horizonte era ainda um curral, até o século XX. Dentre esses objetos estão: objetos decorativos, mobiliário, vestuário, utensílios domésticos e de uso pessoal e instrumentos de trabalho.

O MHAB possui, para cada objeto, fichas detalhadas contendo diversas informações. Por meio de um exemplo, é possível compreender como são organizadas as fichas. Tomemos uma coleção do museu, a de *Equipamentos Domésticos*, e o objeto *licoreira*. Das várias informações das fichas, descreveremos algumas: Coleção (equipamentos domésticos); Nome (licoreira); Data (1ª metade do século XX); Material e técnica (vidro, metal / fundição, gravura, recorte, soldagem); Origem (França).

Além das informações descritas acima, as fichas do MHAB contém informações sobre a procedência do objeto, ou seja, quem doou ou vendeu o bem ao museu; o estado de conservação; a data à qual o objeto foi adquirido pelo museu. Além da imagem do bem, é possível compreender todas as suas dimensões (altura, comprimento, largura, diâmetro, profundidade e peso). Há descrições do objeto, isto é, uma breve explicação sobre o que é o

14 REDE, Marcelo. “História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 4, p. 265-282, jan./dez., 1996, p. 276.

15 *Idem, ibidem*, p. 272.

16 *Idem*.

objeto qual o seu uso, além de características iconográficas e técnicas, bem como o histórico das exposições às quais o objeto já tenha feito parte.

Por meio dos objetos presentes no MHAB, é possível notar especificidades da cultura material de Belo Horizonte, especialmente entre 1897 e 1930: primeira, a presença de objetos importados, de outras regiões do Brasil e do exterior, como um par de sapatos, de origem do Rio de Janeiro; um porta-relógio, que foi importado da Alemanha para Belo Horizonte; ou a xícara, de origem inglesa. Assim, fazia parte dos costumes importar objetos, o que poderia ser considerado, de certa forma, uma prática habitual, já que Belo Horizonte era, nas primeiras três décadas do século XX, uma cidade nascente, cujas técnicas produtivas industriais estavam em fase de formação.

Segunda especificidade: os bens confeccionados internamente (a maioria deles), em Belo Horizonte ou em Minas Gerais, eram os que possuíam os materiais e as técnicas mais simples, como o fraque, peça de indumentária produzida na capital mineira, que exigiu as técnicas de recorte e costura; a farinheira, presente também no acervo do MHAB, cujos materiais foram madeira e prata; ainda, o relógio-armário, que teve como materiais usados madeira e metal, e as técnicas, recorte e fundição. Era costume importar, mas em meio aos produtos importados, os produzidos localmente também faziam parte do cotidiano e da cultura.

Ainda, vale ressaltar os bens diferenciados que fizeram parte da cultura material belo-horizontina, como o despertador-cafeteira presente no acervo, que pode ser considerado um bem diferenciado para a época, em meio a tantos objetos que podem ser tidos como típicos do cotidiano mineiro e do início do século XX, como a farinheira, a forma para queijo, a cadeira de roda de fiar, o canapé e outros objetos encontrados no acervo do MHAB.

Tomou-se como exemplo um museu da capital mineira para ressaltar que os artefatos presentes são fontes essenciais para a temática de cultura material, mas vale ressaltar que os vários museus espalhados pelas cidades se constituem em arquivos de grande relevância para a averiguação das histórias de cotidianos específicos, levando em conta as particularidades materiais locais e regionais, de épocas distintas e de classes sociais diversas.

4. Fontes textuais para a compreensão de cultura material: inventários *post-mortem*, recortes de jornais e de revistas, almanaques e livros de memórias

4.1. Inventários post-mortem

Assim como diversas fontes históricas, os inventários *post-mortem* também apresentam restrições¹⁷, mas que não impedem que tais documentos sejam suporte para diferentes pesquisas dentro da História Econômica.

Inventários tem sido utilizados por serem fontes de pesquisas para entendimento de estruturas de riquezas¹⁸; informam dados sobre o endividamento de uma sociedade, por meio de informações extraídas da categoria de dívidas¹⁹; servem para o compreensão da composição de famílias²⁰; possuem informações importantes para estudiosos da escravidão²¹; servem de base para percepção de práticas de consumo e de transformações na cultura material de determinada localidade, já que descrevem os bens que foram deixados como herança²².

Marcos Lobato Martins, em estudo para a cidade de Alfenas (situada no Sul de Minas Gerais) na segunda metade do século XIX, utilizou inventários *post-mortem* para tratar de elementos da cultura material da localidade. No município de Alfenas se fazia presente a “rusticidade da vida rural que convivia com pequenos luxos nas casas de grandes fazendeiros: louças importadas, móveis torneados em madeira de lei, talheres e castiçais de prata, copos de cristais, relógios de ouro, etc (...)”²³.

17 Sobre as possibilidades de utilização e limitações dos inventários *post-mortem*, ver: FURTADO, Júlia Ferreira. Testamentos e Inventários – A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 93-118; VALENTIM, Agnaldo; MOTTA, José Flávio; COSTA, Iraci del Nero da. “Distribuição e concentração da riqueza com base em inventários *post mortem* na presença de casos de riqueza líquida negativa”. *História* (São Paulo), v. 32, n. 2, p.139-162, jul./dez., 2013, p. 157.

18 Sobre estrutura de riqueza com base também nos inventários, ver, dentre outros trabalhos: MARCONDES, Renato Leite. *A arte de acumular na gestação da economia cafeeira: formas de enriquecimento do Vale do Paraíba paulista durante o século XIX*. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

19 Para trabalho sobre dívidas que também utilizou dentre as fontes os inventários, cf.: ALMICO, Rita de Cássia da Silva. *Dívida e obrigação: as relações de crédito em Minas Gerais, séculos XIX/XX*. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

20 Sobre estudo de famílias com base em inventários, cf., dentre outros, FERREIRA, Natânia Silva. “Entre pai e filho: análise das riquezas em duas gerações de uma família da elite agrária do município de Varginha (MG) no início do século XX”. *Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon Ano XVII, n. 35, p. 82-113, 2º semestre de 2016.

21 Dentre os inúmeros trabalhos que utilizaram de inventários *post-mortem* para compreensão também da temática da escravidão, ver: MELLO, Zélia Maria Cardoso de. *Metamorfoses da Riqueza – São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: HUCITEC, 1985.

22 A respeito de trabalhos que utilizaram inventários *post-mortem* para estudos de cultura material, cf.: FARIA, Sheila Siqueira de Castro. “Fontes textuais e vida material: observações preliminares sobre casas de moradia nos Campos dos Goitacases, sécs. XVIII e XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. n. 1, p. 107-129, 1993; ANDRADE, Marcos Ferreira de. “Casas de vivenda e de morada: estilo de construção e interior das residências da elite escravista sul-mineira – século XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 12, p. 91-128, jan./dez., 2004; ARAÚJO, Maria Lucila Viveiros. “Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 12, p. 129-160, jan./dez., 2004.

23 MARTINS, Marcos Lobato. “Paisagens do passado no Sul de Minas: os ambientes rurais regionais e sua transformação pelo avanço da cafeicultura (décadas de 1870-1920)”. In: SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. (orgs.). *Sul de Minas em Urbanização: modernização urbana no início do século XX*. São Paulo: Alameda, 2016a, p. 184.

Em estudo sobre cultura material para a elite do Sul de Minas Gerais entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, escreveu Andrade que “para reconstruir parte do universo cotidiano das elites, várias fontes serão necessárias: inventários, relatos de viajantes, documentos particulares das famílias investigadas, genealogias e memórias, fotografias, entre outras”. Continuou o autor que “os inventários são fontes primordiais para este tipo de investigação (...)”²⁴.

Cláudia Marques Martinez, em estudo sobre riqueza e cultura material para a região mineira do Vale do Paraopeba entre 1840 e 1914, utilizou como fontes principais 761 inventários *post-mortem* da região. A autora mostrou inúmeras possibilidades de utilização dessas fontes para compreensão de uma sociedade. As categorias possíveis elencadas foram: inventários segundo a riqueza e o espaço doméstico; inventários segundo a posição social e econômica; inventários segundo o sistema de trabalho; inventários segundo o espaço geográfico e a diversidade regional; inventários segundo o habitat; inventários segundo o processo artesanal e técnico industrial; inventários segundo costumes e hábitos; inventários segundo relações de gênero; inventários segundo a alimentação²⁵.

Com base nos trabalhos citados acima, é possível afirmar que os inventários *post-mortem* são fontes essenciais para o entendimento do cotidiano de uma sociedade, considerando costumes de consumo e especificidades da cultura material.

Por meio de uma análise de inventários *post-mortem* da cidade de Varginha é possível analisar as possibilidades que tais fontes oferecem para o estudo de cultura material. Dentre as categorias presentes nos inventários *post-mortem* (bens móveis, bens imóveis rurais, bens imóveis urbanos, animais, dívidas, dinheiro), talvez seja a categoria de bens móveis a que esteja mais relacionada com a temática de cultura material.

Como bens móveis, os mais comuns que apareciam nos inventários varginhenses da passagem para o século XX eram as mobílias de dentro das casas: da cozinha, eram mesas e cadeiras, pratos, canecas, copos, garrafas, talheres e panelas, bules e armários; dos quartos eram catres, camas, cômodas e guarda roupas; das salas apareciam sofás ou marquesas. Dentre os bens móveis também eram listados, dentre outros: relógios de parede, tachos e bacias (usados nos engenhos), teares e rodas de fiar, máquinas de costura, alambiques, enxadas, machados, carros de bois e armas (garruchas e espingardas).

Nos casos de inventários de comerciantes, os bens móveis eram, sobretudo, o que comercializavam os inventariados, assim, em alguns processos, nos bens móveis havia descrito apenas “fundo da farmácia” ou “fundo do negócio” e o valor dos bens móveis do comércio.

24 ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014, p. 134.

25 MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. *Cinzas do passado: Riqueza e Cultura Material no vale Paraopeba/MG (1840/1914)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006, p. 64-70.

Ainda, dentro da categoria dos bens móveis, foi possível encontrar alguns bens que, para o contexto de formação de Varginha, podem ser considerados bens diferenciados, presentes numa minoria de inventários. Os bens menos presentes nos documentos eram bens de ouro: relógios, Rosários, colar, canetas, relicários e pares de brincos. Livros também poderiam ser considerados bens diferenciados, não apenas os cristãos, como “Catecismo de Perseverança” e as Bíblias, mas também volumes de “Leitura, História e Poesia”, “Deveres da Civilidade”, Atlas Universais, gramáticas portuguesas, dentre outros.

Em um inventário foi encontrado um cofre de ferro, não que não fosse comum guardar dinheiro em casa na época, mas cofre de ferro apareceu apenas em um documento. Ainda, o caso mais emblemático de bem diferenciado foi a descrição, dentre os bens móveis de um inventário, de um talher francês de *crystofle*. O preço daquele único talher era o mesmo de diversas peças de louças juntas, ou de um guarda-roupas: quarenta mil réis. Com o preço do talher de *crystofle* era possível ser adquirido também um animal, considerando os preços de animais na época.

Os inventários *post-mortem*, na medida em que se configuram numa listagem de bens, são fontes textuais de suma relevância para o entendimento da temática de cultura material. Assim como os objetos de museus, possibilitam a identificação das pessoas ou das famílias às quais os bens pertenceram, sendo fontes também importantes para averiguação de personagens diversas da história.

4.3. Recortes de jornais e de revistas locais

Os jornais retratam o dia a dia de uma localidade e mostram aos consumidores o que há disponível para consumo: anúncios sobre comercialização de produtos e de serviços, como propagandas de gêneros alimentícios, de vestimentas, de novidades da moda, de serviços prestados por profissionais liberais, dentre outros.

Milena Fernandes de Oliveira, em pesquisa sobre consumo e cultura material para a cidade de São Paulo na passagem para o século XX, utilizou, dentre outras fontes, de jornais locais. Sobre alguns hábitos de vida em São Paulo, escreveu a autora: “Um outro hábito instituído com a virada do século fora o de frequentar os cabeleireiros, cujos anúncios se tornavam cada vez mais frequentes nos jornais”²⁶.

Considerando os anúncios comerciais contidos nos jornais, vale ressaltar, porém, que aquelas propagandas representavam e serviam apenas determinada fração da sociedade, e pode-se ressaltar algumas questões: Todas as pessoas que possuíam estabelecimentos de negócios teriam direito à publicação num jornal? Por que foram tais os anúncios publi-

26 OLIVEIRA, Milena Fernandes de. *Consumo e cultura material*, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915). Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p. 164.

cados em determinada época? Que jornais atendiam a que estratos sociais? Ou seja, é possível apreender informações que retratarão parte de uma dada população.

O que não se pode negar é que esse conjunto de documentos é importante para compreensão da temática de cultura material. Os jornais contém dados e informações acerca de uma localidade, sendo produzidos diariamente e, dessa forma, retratam de forma detalhada o cotidiano comercial²⁷.

A Hemeroteca da Biblioteca Estadual de Minas Gerais (HBEMG), localizada em Belo Horizonte, possui inúmeros jornais mineiros da passagem do XIX para o XX, como: *A Capital*, *Bello Horizonte*, *O Horizonte*, *Minas Gerais*, *Diário de Minas*, dentre inúmeros outros, que trataram, principalmente, de Belo Horizonte.

Assim como os jornais, as revistas retratam parte de um cotidiano: contam com anúncios de comercialização de bens e serviços; retratam aspectos sociais, políticos e culturais, como as personalidades de uma localidade, as festas e celebrações²⁸.

No início do século XX, diferentes revistas circularam pela capital mineira, sendo, dentre outras, *Revista Cidade Vergel*, *Revista Comercial*, *Revista Vida de Minas*, *Revista Vita*, *Revista Tank*. Tais revistas podem ser encontradas no site da prefeitura de Belo Horizonte e no site do Arquivo Público Mineiro.

Por meio de recortes de jornais e revistas de Belo Horizonte da passagem do século XIX para o século XX, é possível analisar quais foram os bens materiais que circularam pela capital na época, que estiveram disponíveis para consumo. Assim também para outras localidades e períodos, os jornais e as revistas, na medida em que apresentam as propagandas de comércios de produtos e de serviços ofertados, são fontes que servem para a compreensão de uma história do cotidiano do ponto de vista da cultura material.

4.5 Almanagues

Os almanagues contêm diversas informações sobre uma localidade. No caso do *Almanack* da Cidade de Minas – nome que recebeu Belo Horizonte no ano de sua inauguração – a fonte versou sobre as mais distintas profissões existentes em Belo Horizonte na época; comércios e comerciantes; fábricas e instituições diversas, como Secretarias da Agricultura, Comércio e Indústria, etc. Além disso, o *Almanack* contou com assuntos relacionados às transformações urbanas da capital, sendo, dentre outros: reformas de ruas, avenidas e pontes; abastecimento de água e iluminação urbana; construção de prédios e localidades públicas, como o mercado municipal e os parques.

27 Para trabalhos que trataram de cultura material utilizando dentre as fontes os jornais, ver, dentre outros: 1995; ARRUDA, Rogério Pereira de. “Um álbum ilustrado para Minas Gerais no alvorecer da República”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série, vol. 26, p. 1-39, e12, 2018.

28 A utilização de revistas de época em estudo de cultura material pode ser vista em: SILVA, João Luiz Maximo. “Transformações no espaço doméstico – o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 15, n. 2, p. 197-220, jul./dez., 2007.

Com a utilização do *Almanack* da Cidade de Minas, do ano de 1900, presente no Arquivo Público Mineiro (APM), localizado em Belo Horizonte, é possível compreender particularidades da capital de Minas Gerais que contribuem para o entendimento das transformações da cultura material local²⁹. De forma especial, questões relacionadas às transformações urbanas, aos bens materiais comercializados e aos estabelecimentos destinados aos produtos e serviços poderão ser averiguadas por meio dessa fonte.

Almanaques são fontes encontradas para distintas regiões, sendo documentos que servem de auxílio às demais citadas neste texto para a compreensão de cultura material de uma dada sociedade.

4.6. Livros de memórias

Livros de memórias se configuram em fontes essenciais quando o objetivo é compreender um determinado período histórico, considerando que foram escritos por pessoas que viveram na localidade em que se pesquisa no período determinado.

Um livro de memórias de suma importância para o entendimento da História Econômica de Belo Horizonte das décadas iniciais do século XX é o de Beatriz Borges Martins. A autora nasceu em Belo Horizonte em 29 de julho 1913 e, seu livro de memórias, *A vida é esta...*, se constitui numa fonte relevante para a temática de cultura material. Ao relembrar sua infância e adolescência em Belo Horizonte, a autora ressaltou as ruas da capital mineira, seus moradores, comerciantes e os bens e serviços que comercializavam; escreveu sobre hábitos alimentares e de composição dos trajes de sua família; destacou festas e celebrações públicas e familiares. Ao escrever suas memórias sobre Belo Horizonte e sua infância e juventude, a autora contribuiu enormemente para a compreensão das práticas de consumo e singularidades da cultura material em Belo Horizonte e no seu âmbito familiar.

Várias passagens do livro de memórias de Beatriz Borges Martins remetem aos hábitos alimentares familiares. Por exemplo, ao recordar os doces que eram preparados por sua avó, descreveu os procedimentos com detalhes:

Vovó, insisto, fazia doces como ninguém: pasteis de nata, canudinhos recheados com doce de coco; toucinhos do céu – pão-de-ló feito só de gemas, cortado em quadrados, que são passados numa calda e postos para secar; amanteigados – docinhos de amêndoas constituídos de duas bolinhas casadas depois de assadas e fazê-los implicava um trabalho enorme: as bolinhas tinham de ser assadas em tabuleiros de madeira, forrados com papel de embrulho molhado, para que elas não secassem por

²⁹ A utilização de almanaques em trabalhos de cultura material pode ser conferida em: CAMPOS, Eudes. “A cidade de São Paulo e a era dos *melhoramentos materiaes*. Obras públicas e arquitetura vistas por meio de fotografias de autoria de Militão Augusto de Azevedo, datadas do período de 1862-1863”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 15, n. 1, p. 11-114, jan./jun., 2007.

baixo e pudessem grudar umas nas outras; depois disso, eram passadas em uma glaze fina e, por fim, salpicadas com confeitos bem miudinhos de todas as cores³⁰.

A fartura podia ser observada nas refeições do cotidiano. Nas palavras de Beatriz Borges Martins, sobre os almoços em sua família:

Geralmente, nos almoços, comíamos: canjiquinha com costelinha, que era servida no prato fundo, com caldo de feijão por cima; frango ao molho pardo – o frango abatido no nosso quintal e o sangue aparado na hora –, com angu e couve; mexido de arroz, feijão, ovos mexidos, couve picada bem fininha, farinha de mandioca e, por cima, torresmos; e, também, macarronada, que não é comida mineira, mas é ótima. A massa de macarrão era feita em casa por vovó (...)³¹. Comíamos, ainda, feijão-de-tropeiro com torresmos; tutu de feijão, com molho de tomates e rodela de ovo cozido, servido sempre com linguiça feita por vovó; maneco-sem-jaleco, uma espécie de sopa de fubá, com carne de porco e couve rasgada; arroz de suã, aquele arroz bem molhadinho, com caldo e pedaços de suã; e muitas outras delícias. No jantar, fosse inverno ou verão, havia sempre uma sopa de entrada³².

A respeito da composição dos trajés, em diferentes momentos do livro de memórias a autora ressaltou os costumes, como na passagem a seguir:

Outra moda que pegou muito, em determinada época, foi a de sapatos feitos de crochê. A vovó, que era craque nessa arte, fazia-os para mim de várias cores, que combinavam com muitos dos meus vestidos. Ela tecia o crochê com uma linha bem firme, fazendo, em geral, uma tira que ficava sobre o peito do pé, pela qual passava uma outra, que abotoava do lado, e mandava para o sapateiro colocar sola³³. Esses sapatos eram, naturalmente, bem “de menina”, sem saltos³⁴.

30 MARTINS, Beatriz Borges. *A vida é esta...* Organização de Amilcar Vianna Martins Filho. 2 ed. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2013, p. 64.

31 “Como ainda não existiam máquinas para cortá-la, vovó fazia os rolinhos de massa, como para rocambole, e, com seu canivete bem amoladinho, cortava-a em tiras bem fininhas. Depois de secarem espalhadas ao sol, as tiras de massa podiam ser guardadas em latas grandes. A primeira máquina de cortar macarrão que vi foi uma que “Seu” Maletta trouxe da Itália para mamãe” (*Idem, ibidem*, p. 76).

32 *Idem, ibidem*, p. 76-77.

33 “A lida com a tesoura, linhas, dedais e agulhas foi amplamente difundida no universo feminino, no campo e nas cidades. O ato de costurar e bordar fazia parte da rotina dos afazeres domésticos, e seu conhecimento era como que um pré-requisito para a boa dona de casa”. SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3, República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 490.

34 MARTINS, *Op. Cit.*, 2013, p. 95.

O livro de memórias de Beatriz Borges Martins possibilita que o leitor volte ao tempo, ao início do século XX da capital mineira, e entenda de forma bastante detalhada sobre os hábitos e os costumes da época. Livros de memórias, da mesma forma que as fontes citadas anteriormente, são documentos que auxiliam na compreensão do cotidiano de uma localidade, oferecendo elementos para a escrita de especificidades da cultura material.

5. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi o de apresentar algumas das fontes que possibilitam o estudo de cultura material. Foi salientada a importância de: objetos materiais de museus, inventários *post-mortem*, recortes de jornais e de revistas, almanaques, livros de memórias.

Vale ressaltar que, dentro de um vasto universo de fontes presentes na História, que servem para o estudo de diversas temáticas dentro da disciplina, aqui ressaltou-se apenas algumas delas, voltadas para a cultura material, que podem ser complementadas por outros documentos.

A respeito das fontes que podem ser utilizadas e que foram frisadas neste texto, evidencia-se que os artefatos de museus são fontes materiais que nos mostram parte de uma cultura em forma de matéria, palpável; são os próprios artefatos que circularam por uma região ou por uma cidade e fizeram parte do cotidiano de famílias ou pessoas específicas. Os inventários *post-mortem*, como se configuram na listagem dos mais diferentes bens que possuíram os inventariados, são fontes textuais que servem de auxílio para a compreensão de cultura material de famílias ou pessoas determinadas. Os recortes de jornais e de revistas, na medida em que ressaltam estabelecimentos comerciais e os produtos e serviços que estavam disponíveis para consumo, são fontes textuais para a compreensão de cultura material. Almanaque também contém especificidades de uma determinada localidade, como as pessoas que faziam parte da sociedade, suas ocupações, detalhes sobre datas importantes e atividades econômicas, sendo fontes que ajudam no entendimento de cultura material. Por fim, os livros de memórias, sendo fontes escritas por pessoas que viveram numa determinada região em épocas remotas, também são fontes essenciais para a averiguação da cultura material em uma época específica.

Portanto, que as fontes documentais citadas neste artigo servem de suporte para a compreensão de uma história das “estruturas do cotidiano”, ou seja, servem para a investigação da realidade material (e também imaterial) de uma cidade, uma região ou um povo, num contexto histórico determinado.

Referências

Fontes para o estudo de cultura material

Acervos de artefatos, presentes no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), localizado em Belo Horizonte.

Inventários *post-mortem* da cidade de Varginha, presentes no Arquivo Permanente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG).

LIMA, Joaquim Ramos de. *Almanack da Cidade de Minas*. Cidade de Minas: Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1900.

MARTINS, Beatriz Borges. *A vida é esta...* Organização de Amílcar Vianna Martins Filho. 2 ed. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2013 (Livro de memórias).

Recortes de jornais, presentes na Hemeroteca da biblioteca estadual de Minas Gerais (HBEMG).

Revistas locais, presentes no site da prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e no Arquivo Público Mineiro (APM).

Outras fontes

ACMV, 1882.

FJP. *Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história*. Fundação João Pinheiro. Centro de estudos históricos e culturais. Belo Horizonte, 1997.

Referências Bibliográficas

ALMICO, Rita de Cássia da Silva. *Dívida e obrigação: as relações de crédito em Minas Gerais, séculos XIX/XX*. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. “Casas de vivenda e de morada: estilo de construção e interior das residências da elite escravista sul-mineira – século XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 12, p. 91-128, jan./dez., 2004.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

ARAÚJO, Maria Lucila Viveiros. “Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 12, p. 129-160, jan./dez., 2004.

ARRUDA, Rogério Pereira de. “Um álbum ilustrado para Minas Gerais no alvorecer da República”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série, vol. 26, p. 1-39, e12, 2018.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva* – Vol. 1: História Antiga. 2 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BORREGO, Maria Aparecida de Meneses. “Das caixas da casa colonial às arcas do Museu Paulista”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 25, n. 1, p. 199-225, jan./abril, 2017.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo (séculos XV-XVIII)* – Vol. 1: As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAMPOS, Eudes. “A cidade de São Paulo e a era dos *melhoramentos materiaes*. Obras públicas e arquitetura vistas por meio de fotografias de autoria de Militão Augusto de Azevedo, datadas do período de 1862-1863”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 15, n. 1, p. 11-114, jan./jun., 2007.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. “Fontes textuais e vida material: observações preliminares sobre casas de moradia nos Campos dos Goitacases, sécs. XVIII e XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. n. 1, p. 107-129, 1993.

FERREIRA, Natânia Silva. “Entre pai e filho: análise das riquezas em duas gerações de uma família da elite agrária do município de Varginha (MG) no início do século XX”. *Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon Ano XVII, n. 35, p. 82-113, 2º semestre de 2016.

FERREIRA, Natânia Silva. *Elite Agrária e processo de Urbanização: o município de Varginha-MG (1882-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FURTADO, Júlia Ferreira. Testamentos e Inventários – A morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 93-118.

JULIÃO, Letícia. “Sensibilidades e representações urbanas na transferência da Capital de Minas Gerais”. *História (São Paulo)* v. 30, n.1, p.114-147, jan/jun 2011, ISSN 1980-4369.

LIMA, Tania Andrade. “Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 3, p. 129-191, jul./dez., 1995.

MARCONDES, Renato Leite. *A arte de acumular na gestação da economia cafeeira: formas de enriquecimento do Vale do Paraíba paulista durante o século XIX*. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MARINS, Paulo César Garcez. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3, República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. *Cinzas do passado: Riqueza e Cultura Material no vale Paraopeba/MG (1840/1914)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MARTINS, Marcos Lobato. “Paisagens do passado no Sul de Minas: os ambientes rurais regionais e sua transformação pelo avanço da cafeicultura (décadas de 1870-1920)”. In: SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. (orgs.). *Sul de Minas em Urbanização: modernização urbana no início do século XX*. São Paulo: Alameda, 2016a.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. *Metamorfoses da Riqueza – São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: HUCITEC, 1985.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Apresentação”. In: MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. *Riqueza e escravidão: vida material e população no século XIX, Bonfim de Paraopeba/MG*. São Paulo: Anna-blume/Fapesp, 2007.

MENESES, José Newton Coelho; BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. “Introdução – O testemunho das coisas úteis e duráveis”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série, vol. 26, p. 1-4, 2018.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. *Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915)*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

REDE, Marcelo. “História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 4, p. 265-282, jan./dez., 1996.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SALES, José Roberto. *Espírito Santo da Varginha (MG) – 1763-1920*. Varginha: Gráfica Editora Sul Mineira, 2003.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3, República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. “Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. _____ . *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, João Luiz Maximo. “Transformações no espaço doméstico – o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 15, n. 2, p. 197-220, jul./dez., 2007.

SOUZA, Rafael de Abreu e. “Tigela, café e xícara: diversidade formal e dinâmicas de consumo na produção das louças brancas da cidade de São Paulo no começo do século XX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 20, n. 2, p. 11-51, jul./dez., 2012.

VALENTIM, Agnaldo; MOTTA, José Flávio; COSTA, Iraci del Nero da. “Distribuição e concentração da riqueza com base em inventários *post mortem* na presença de casos de riqueza líquida negativa”. *História* (São Paulo), v. 32, n. 2, p.139-162, jul./dez., 2013.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. “A capital controversa”. *Revista do Arquivo Público Mineiro* (dossiê Belo Horizonte 100 anos depois), ano XLIII, n. 2, p. 28-43, jul./dez., 2007.